



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

BRUNO DE OLIVEIRA DOS SANTOS GOES (EMIADÊ)

INCUBADORA PRETA

Trajetórias e desafios de um jovem negro na criação de uma plataforma virtual para o ensino
afrocentrado em produção cultural

Uberlândia

2023

BRUNO DE OLIVEIRA DOS SANTOS GOES (EMIADÊ)

INCUBADORA PRETA

Trajetórias e desafios de um jovem negro na criação de uma plataforma virtual para o ensino afrocentrado em produção cultural

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Teatro

Área de concentração: Artes/Teatro

Orientador: Prof^o Dr. Wellington Menegaz de Paula

Uberlândia

2023

A mim e a todos os meus sonhos que me fizeram não desistir de chegar aqui e à Exu por ser meu mentor, mobilizador e fiel amigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Rosemeire e minha irmã, Amara Fernanda, por serem exemplos vivos em minha vida de amor, cuidado, perseverança e sustentação. Sou grato por vocês terem apoiado e investido em meu sonho em me tornar artista e agora educador. A família é a base de tudo e amo cada uma incalculavelmente. Agradeço a minha tia-avó, Rosalva (in memoriam), que está viva em minha memória e em meus sonhos. Obrigado por ter cuidado de mim até minha adolescência e ter deixado minha criança explorar o mundo. Você me ensinou muito sobre o amor de uma maneira muito bonita e única. Às minhas tias-avós, Risoneide e Rosilene, amo muito vocês e obrigado por terem me carregado no colo.

Agradeço aos meus colegas e mestres do teatro e da música em que pude ter experiências únicas e ter me formado enquanto artista só de estar pertinho observando e me inspirando em seus movimentos.

Agradeço ao destino e a universidade pelo incrível encontro nessa vida com Maya Estrela, uma pessoa que me mobiliza em diversos aspectos da minha existência e também de forma criativa. Obrigado por todo acolhimento, proteção e escuta. Espero estar do seu lado para mais outras aventuras pelo mundo.

Agradeço a Profa. Dra. Cintia Camargo Vianna por me apresentar o ambiente universitário, por ter me ensinado sobre autonomia, por ter apoiado a iniciativa *Incubadora Preta* e por ter me apresentado diversas pensadoras negras e outras epistemologias do conhecimento na qual pude ver a educação como possibilidade de mudança. Como você sempre disse: “O movimento é o segredo” e eu não quero parar de me mobilizar.

Aos meus camaradas Yuri Leite e Mateus Navarro por terem sido companheiros de universidade, da vida e de tantos encontros aventureiros que despertaram meu adolescente para brincar de viver. Ao meu orientador Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula, por ter me aceitado enquanto orientando e pelo cuidado atencioso na condução e orientação do desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a minha banca de defesa do TCC, Prof. Dra. Paulina Maria Caon e Ma. Rubia Bernardes Nascimento. À Universidade Federal de Uberlândia e seus projetos de extensão que me financiaram enquanto pesquisador e artista. E agradeço a cidade de Uberlândia por ser minha primeira experiência em viver longe da minha família e por compreender a vida adulta.

Preto que é preto ilumina porque é preto
Preto que é preto combina de se olhar
Preto é uma cor mas também é minha preta
Cor e pele preta sem se misturar
Preto que é preto ilumina porque é preto
Preto que é preto combina de se olhar
Preto que tem resolvida sua cor
Não tem que se impor, nem que se curvar
(Jorge Aragão. “Preto, cor preta”, 1999)

RESUMO

Resumo: Esse trabalho é um memorial a partir da minha trajetória de vida transversalizada à iniciativa *Incubadora Preta - formação cultural para agentes negres*. Essa iniciativa oportuniza um espaço virtual de formação exclusiva para pessoas autodeclaradas negras (pretas e pardas), com articulação para o mercado de produção cultural brasileiro. O projeto desenvolve conceitos de pré-produção, produção e pós-produção, fomentando a criação de projetos artísticos para editais de captação de recursos. Nos seus quatro ciclos formativos, o projeto dialogou com cento e trinta pessoas de dezesseis estados do território brasileiro. Neste trabalho, tenho como objetivo sintetizar essa experiência enquanto mediador do ensino de produção e gestão cultural, em diálogo com os conceitos de afrocentricidade e agenciamento negro (ASANTE, 2016), em um ambiente totalmente digital. O meu maior desafio, a partir do partilhamento das minhas experiências relatadas, é ter legitimada a minha trajetória enquanto articulador da arte-educação, produção e proposições culturais que geram uma nova perspectiva para a vida da comunidade negra brasileira, que muita das vezes está na margem da subordinação do trabalho e na perspectiva de ausência (IMJA, 2018) de suas potencialidades artísticas. Na busca metodológica para desenvolver as habilidades de produção e gestão cultural, apliquei quatro diferentes modos de mediação em cada ciclo formativo que orientei, entre os anos de 2020 e 2022. A pesquisa também é orientada pelo pensamento sobre educação e ensino em sala de aula da autora bell hooks, que defende que o gênero, raça e classe estão intrínsecos na forma em que somos percebidos pelo mundo e sobre a importância da interseccionalidade no modo de ensino. Pensando em tornar mais acessível o trabalho e entendendo como potência a comunicação oral, foi desenvolvido a gravação em áudio da escrita do TCC. Considero, finalmente, que a prática em produção cultural e mediação pedagógica tem suas artesanias nos modos de fazer e aprender, compreendendo que não há uma única estrutura e sim diferentes ferramentas a serem testadas a partir dos diferentes contextos de trabalho e formação.

Palavra-chave: Produção cultural; Educação à distância; Metodologia de ensino; Afrocentricidade; Memorial.

ABSTRACT

Abstract: This work is a memorial from my life trajectory transversalized to the *Incubadora Preta* initiative - cultural training for black agents. This initiative provides a virtual space for exclusive training for self-declared black people (black and brown), with articulation for the Brazilian cultural production market. The project develops pre-production, production and post-production concepts, encouraging the creation of artistic projects for fundraising public notices. In its four training cycles, the project dialogued with one hundred and thirty people from sixteen states in Brazil. In this work, I aim to synthesize this experience as a mediator of the teaching of cultural production and management, in dialogue with the concepts of Afrocentricity and black agency (ASANTE, 2016), in a fully digital environment. My biggest challenge, from sharing my reported experiences, is to have legitimized my trajectory as an articulator of art education, production and cultural propositions that generate a new perspective for the life of the Brazilian black community, which is often in the margin of the subordination of work and in the perspective of absence (IMJA, 2018) of its artistic potential. In the methodological quest to develop cultural production and management skills, I applied four different modes of mediation in each training cycle that I supervised, between the years 2020 and 2022. The research is also guided by thinking about education and teaching in the classroom at author bell hooks, who argues that gender, race and class are intrinsic in the way we are perceived by the world and on the importance of intersectionality in the way of teaching. Thinking about making the work more accessible and understanding how potent oral communication is, an audio recording of the written TCC was developed. Finally, I consider that the practice of cultural production and pedagogical mediation has its crafts in ways of doing and learning, understanding that there is not a single structure, but different tools to be tested from the different contexts of work and training.

Keywords: Cultural production; Distance education; Teaching methodology; Afrocentricity; Memorial.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS





MSN	The Microsoft Network
SESI	Serviço Social da Indústria
UMES	União Municipal dos Estudantes
UPES	União Paulista de Estudantes
UBES	União Brasileira de Estudantes
FESCETE	Festival de Cenas Curtas
SISU	Sistema de Seleção Unificada
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
GEPLAFRO	Grupo de Estudos e Pesquisa em Poéticas Afrolatinoamericanas e Educação para as Relações Étnico Raciais
TEN	Teatro Experimental do Negro
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
cia.	companhia
MEI	Microempreendedor Individual
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA VIVA	13
1.1 - ENSINO FUNDAMENTAL	15
1.2 - ENSINO MÉDIO	18
1.3 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	23
CAPÍTULO 2 - AFROCENTRICIDADE, MARGINALIDADES E AGENCIAMENTO NEGRO	25
2.1 - EXU: FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO, PRODUÇÃO E GERAÇÃO DE ARTE	27
CAPÍTULO 3 - INCUBADORA PRETA	31
3.1 - PRIMEIRA EDIÇÃO	34
3.2 - SEGUNDA EDIÇÃO	36
3.3 - TERCEIRA EDIÇÃO	39
3.4 - QUARTA EDIÇÃO	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

SUMÁRIO ESCRITA FALADA

	QR CODE	LINK
TODOS OS ÁUDIOS		https://soundcloud.com/incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta?si=6a9e97703de34ed3a7237cfe0ea2d5d6&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing
AGRADECIMENTOS		https://soundcloud.com/incubadora-preta/1-agradecimentos?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=c5075a137d804bada41451fec49443a6&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing
PREFÁCIO		https://soundcloud.com/incubadora-preta/2-prefa-cio?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=e062ae80f51743648afbd0540380891e&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing
INTRODUÇÃO		https://soundcloud.com/incubadora-preta/3-introduc-a-o?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=932736c41c2b4d93aeb5c5c82f40c8ab&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

<p>CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA VIVA</p>		<p>https://soundcloud.com/incubadora-preta/4-capi-tulo-1-memoria-viva?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=d7983182c7164b3a82c1bbd297ad168b&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing</p>
<p>CAPÍTULO 2 - AFROCENTRICIDADE, MARGINALIDADES E AGENCIAMENTO NEGRO</p>		<p>https://soundcloud.com/incubadora-preta/5-capi-tulo-2-afrocentricidade?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=4513b51ffdea4c0abeea22414795d66b&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing</p>
<p>CAPÍTULO 3 - INCUBADORA PRETA</p>		<p>https://soundcloud.com/incubadora-preta/6-capi-tulo-3-incubadora-preta?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=949e3f8c74ea45e2b823086a7f44a51d&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing</p>
<p>CONSIDERAÇÕES FINAIS</p>		<p>https://soundcloud.com/incubadora-preta/7-consideracoes-finais?in=incubadora-preta/sets/escritafaladaincubadorapreta&si=f27ef2a9ceb04582bd76f76535d468b7&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing</p>

INTRODUÇÃO

Não sei como você chegou até esse trabalho de conclusão de curso, em qual território e momento em que você está lendo. Enquanto escrevo essa introdução, me vem uma enxurrada de histórias e experiências que vivi e poderia te contar. E vou te contar muitas delas. Esse trabalho é um memorial sobre a minha trajetória na vida, arte e educação que teve como um dos caminhos a criação da plataforma virtual, de formação em gestão e produção cultural afrocentrada, chamada *Incubadora Preta: formação cultural para agentes negres*, oportunizando pessoas negras (pretas e pardas). Plataforma na qual eu coordeno e faço a tutoria dos encontros formativos. O projeto teve início em setembro de 2020, no auge da COVID-19¹, em que estávamos isolados em nossas casas. Até o presente momento, em 2023, teve quatro edições, sendo a última no segundo semestre de 2022. A única possibilidade de iniciar os encontros foi de maneira remota e pessoas de diversos estados brasileiros puderam ser contempladas.

Este trabalho foi escrito em quatro capítulos. O primeiro foi intitulado *Memória viva* em que conto minha experiência com minha família, vivência escolar desde o ensino fundamental até a minha chegada na universidade e encontro com autoras e autores negros que continuam formando meu pensamento enquanto cidadão brasileiro e artista. No segundo capítulo *Afrocentricidade, marginalidades e agenciamento negro*; vou me comunicar com o filósofo Molefi Asante (2016), na tentativa de desdobrar os conceitos de afrocentricidade, marginalidades e agenciamento negro como referências epistemológicas para estruturar o conceito do projeto *Incubadora Preta* e também com o educador e artista Maya Estrela que auxiliou em cada aspecto minucioso para que essa iniciativa fosse possível de estar no mundo. Ainda no mesmo capítulo trago a potência da figura arquetípica de Exu² como potencializador da comunicação, produção e geração de arte. Compreendo que o mesmo possibilita a ideia de gerarmos novas formas de expressão e espaços para diálogos, trocas de experiências, conhecimentos entre as diferentes comunidades e grupos sociais. Estimulando a criatividade e a inovação na produção cultural. Encruzo minhas reflexões sobre Exu com o autor Luiz Rufino (2019) e Geni Nuñez (2021) na tentativa de compreender as metodologias que essa nova epistemologia se apresenta na minha

¹ Tradução para o português seria "doença do coronavírus"

² O orixá Exu é uma das entidades da religiosidade afro-brasileira, responsável por fazer a comunicação entre os seres humanos e o plano divino.

formação enquanto artista-professor, me fazendo transgredir os limites de uma educação dicotômica. A encruzilhada é o meu encontro e atravessamento com diversas autoras, educadoras e fazedoras de arte e cultura.

As educações em curso na sociedade brasileira são plurais, assim, existem modos conservadores, mantenedores de desigualdades, redutores da complexidade do mundo, violentos, irresponsáveis, modos calçados no pilar da política colonial. Ao mesmo tempo, há outras possibilidades, outros modos, emergentes, transgressivos, inconformados, rebeldes e comprometidos com a libertação. (RUFINO, 2019, p.61).

No terceiro capítulo *Incubadora Preta*, apresento como foi concebida a iniciativa e a consequência da existência do problema do racismo estrutural e suas violências interseccionais que infelizmente estão presentes em todas as camadas da nossa sociedade, mercado de trabalho e educação. Na tentativa de criar um espaço virtual seguro para que pessoas negras pudessem ser capacitadas para trabalhar com gestão e produção executiva em projetos culturais com incentivo financeiro municipal, estadual ou federal. Relato também minha experiência enquanto coordenador do projeto, desenvolvedor dos planos de curso, das metodologias de ensino na plataforma remota e das dificuldades enquanto um artista em formação na educação superior que ao mesmo tempo está construindo um espaço de formação sobre produção cultural. Como foram quatro ciclos formativos, entre os anos de 2020 e 2022, dedico quatro itens relatando minha experiência e o arco narrativo do meu crescimento, a partir das minhas vulnerabilidades e tentativas, enquanto artista-professor, me desafiando na mediação de um ensino no meio virtual. Como forma de tornar mais acessível este trabalho e também de promover um certo tipo de experiência proximal comigo que escreve, o mesmo está disponível em formato de áudio, localizado após o item sumário, com acesso pelos códigos QR (QR code) dividido nos mesmos capítulos da escrita.

Ao iniciarmos qualquer debate acerca da educação, temos grandes dificuldades de descentralizarmos o que compreendemos sobre esse fenômeno e suas práticas de seus vínculos com toda uma engrenagem que a condiciona a determinado modo de racionalidade. Nesse sentido, parto da premissa de que há múltiplas formas de educação, contextos educativos e praticantes do saber. Educamos para os mais variados fins, de modo que a questão em voga não é polarizar o debate em uma boa ou má educação, mas problematizar a vigência do projeto colonial e os dispositivos de orientação e formação educativas que operam a seu favor. (RUFINO, 2019, p.93).

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIA VIVA

Hoje sou porque a memória é viva, princípio motriz das minhas perspectivas, sonhos e caminhos percorridos por minhas ancestrais. Já dizia o rapper, cantor e compositor Emicida “você é o único representante dos seus sonhos na face da terra” e tendo somente eu esse destino a traçar, preciso dizer de onde venho, de onde falo, de como cheguei até aqui e das pessoas responsáveis que sustentaram minhas costas para que essa jornada fosse sábia e resiliente.

Nasci na primeira cidade do Brasil, São Vicente, localizada no litoral do estado de São Paulo, no dia 22 de outubro de 1999, no hospital São José, que ficava no centro da cidade. Quando saí do hospital, morei até os meus dez anos de idade no bairro periférico chamado Sambaiatuba. Em um cortiço que somava umas dez casas e o mesmo bairro sediava o aterro sanitário de toda a cidade, inclusive, meu primeiro contato com um computador e internet foi em uma aula gratuita de digitalização que ofertavam no mesmo local. Nessas aulas os orientadores chegavam com textos impressos e a nossa prática era digitar tudo para o programa Word. Ao final, tínhamos uns dez minutinhos para utilizar a internet, e na época o que estava em alta era o Orkut, minha primeira rede social, e depois o MSN Messenger. Sou filho de pai ausente, mas que ao menos me registrou em cartório, e criado por uma rede de mulheres que era constituída por minha mãe, Rosemeire Aparecida de Oliveira dos Santos, minhas tia-avós, Rosalva Rosa do Nascimento, Risoneide do Nascimento e Rosilene do Nascimento e minha irmã, Amara Fernanda de Oliveira Santos.

Sou um homem cis, negro de pele retinta, cabelos crespos, olhos pretos, estatura mediana e gordo. A minha compreensão de ser uma pessoa negra favelada tardou um pouco. Lembro que por volta dos meus sete/oito anos, estava brincando no quintal com outras crianças e fui acusado por um dos meninos brancos de ser “preto”. Fiquei possesso, não compreendia o distanciamento que me foi imposto naquela situação e todas as atribuições de ser uma pessoa negra no Brasil. Minha reação foi de angústia e violência, lancei o mesmo garoto que me acusou de ser o “outro”, o avesso da história não contada, apagada e massacrada, na parede e disse “Não me chame de preto”. Lembro até hoje o olhar do desespero do menino branco. Sempre fui uma pessoa serena, era estudioso, não brigava com ninguém na escola. Me considerava ruim de briga, tinha medo de arrumar confusão e me machucar no final. Mas dessa vez foi diferente, me senti injustiçado por ser uma criança negra retinta, indiscutivelmente negra. Essa foi a primeira violência racista

escancarada, sem meias palavras, na qual sofri.

Sempre tive orgulho da minha raça, orgulho da minha mãe, que trabalhava de domingo a domingo como doméstica e que nunca deixou faltar nada em casa. Do cuidado das minhas tia-avós que sempre me possibilitaram tempo e espaço para eu performar minha criança, de mexer com terra, quebrar pedra, colher e comer jaca, de fazer um enterro solene, junto com minha prima Kelly, quando surgia algum passarinho morto no quintal, de brincar de escolinha e ser o professor com giz e lousa que minha mãe tinha me presenteado. Fui uma criança livre. Na época não fazia ideia da importância de que todas essas brincadeiras iriam me auxiliar para me tornar o adulto-artista que estou sendo hoje.

Aos nove anos comecei a praticar esporte, em meu contraturno escolar fazia aulas de ciclismo e foi assim por um ano. Quando completei dez anos, me mudei do bairro que sediava o aterro sanitário para o bairro que sediava o cemitério do município, chamado Parque Bitarú. A vantagem desse novo lugar era a possibilidade de estar muito perto da praia e também do centro da cidade. Continuei na mesma escola, mas tive que parar de praticar ciclismo. É agora que minha história começa a tomar outro rumo, quebrando as estatísticas que sempre localizam os corpos negros em índices de desigualdades, falta de oportunidades, mal desempenho e evasão escolar, genocídio etc.

Minha jornada aos onze anos de idade sofre uma curva brusca quando minha mãe me matricula no curso de teatro e música, no qual fazia aulas de cavaquinho e dança de rua. Eu sou fruto de projetos sociais, como o *Projeto Guri*, em que pude aprender a tocar cavaquinho com o professor Duda do Cavaco e violão com o professor Arizinho 7 cordas. Também fiz parte do projeto *Pontos de Cultura do Estado de São Paulo*. Nessa iniciativa tive minha primeira aula de teatro, com a professora Maria Tornatore. Uma pessoa que teve muita importância em apresentar o teatro de grupo, que consistia na junção de diversos artistas da cidade a fim de montar um mesmo espetáculo teatral e apresentá-lo em festivais. Acompanhei o *Grupo Taetro de Teatro* entre os anos de 2011 à 2014.

Essas experiências me possibilitaram ter novas perspectivas para minha vida. Quando digo que quebrei as estatísticas sistêmicas que já foram pré-concebidas para minha vida, estou querendo dizer que o espaço da arte, de ocupá-lo, pensá-lo, praticá-lo e de ser um sujeito criador, nunca foi um espaço sonhado para corpos pretos, pobres e favelados. Há uma ruptura, superação de obstáculos e uma insistência gigantesca de minha mãe, em me alimentar com outras

epistemologias que pra ela não foram apresentadas.

Minha mãe foi a pessoa que me apresentou a arte, seus diversos gêneros e expressões. Cresci ouvindo rádio todas as manhãs antes de ir a escola, era o despertador da casa. Aos domingos, enquanto ela faxinava e cozinhava, colocava o CD do Jorge Aragão, foi meu primeiro contato com o samba. Nesse disco tinha uma faixa chamada *Preto, cor preta* (1999) e lembro que o trecho “Preto que é preto ilumina porque é preto/Preto que é preto combina de se olhar”, de certa forma, me encorajava a me orgulhar de quem eu sempre fui. Lembro também que minha mãe era muito atenta nas programações culturais que aconteciam em Santos, cidade vizinha e que tinha teatros e museus históricos com muitas atividades gratuitas. Foi no SESI, aos dez anos, que tive minha primeira experiência sendo público de uma apresentação de teatro de sombras. Fiquei encantado com a magia do teatro naquele auditório pequeno, com poucas pessoas presentes, em um domingo à tarde. Meu maior desejo era compreender como era feito todo espetáculo e quem eram os profissionais responsáveis pelos bastidores. Nesse dia, guardei o desejo de ser artista. Compreendi que existia a possibilidade, nunca antes oferecida a mim, de seguir um rumo junto das artes. Mal sabia que no ano seguinte eu teria a oportunidade de iniciar meus estudos no teatro.

1.1 - ENSINO FUNDAMENTAL

Em meu Ensino Fundamental II, na *Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Duque de Caxias*, participei do *Programa +Educação*, da prefeitura de São Vicente. Nos contraturnos de aula, tínhamos aula de teatro. Lembro que minhas terças-feiras eram agitadas por conta de intercalar a aula de cavaquinho, almoçar no *Bom Prato*³, pegar ônibus e chegar a tempo pra aula de teatro na escola. O grupo da escola se chamava *Os Urbanos* e junto do professor Felipe Gutttau, fizemos em 2012 a montagem da peça *Romão e Julinha*, de Oscar Von Pfuhl. Na peça eu protagonizei o personagem Romão. Participamos com a mesma obra no *Festival de Artes Cênicas das Escolas Municipais de São Vicente*, no qual ganhei meu primeiro prêmio de melhor ator. Esse prêmio significou muito para minha permanência no teatro. Foi uma confirmação, em um ato singular, que a arte poderia ser o meu lugar.

No ano seguinte, o programa de aulas artísticas no contraturno escolar acabou por conta

³ Criado em dezembro de 2000 pelo Governo do Estado de São Paulo, o Programa Bom Prato tem como objetivo oferecer para a população de baixa renda refeições saudáveis e de alta qualidade a custo acessível.

da troca de governo. Percebi que muitos dos meus colegas estavam decepcionados pelo fim das nossas manhãs criativas e empolgantes. Esse momento foi um estopim para entender o artista-produtor que sou hoje. Ao ver o declínio de um programa cultural, que transformou, cativou e deu o primeiro contato com o teatro para diversas crianças e jovens em uma escola periférica, me encorajei a dar continuidade ao grupo. Fiquei responsável por organizar os encontros, conversar e apresentar um novo projeto de grupo de teatro da escola para a equipe docente. Eu me lembro de abrir o Word em casa e começar a digitar como seriam os encontros, o que faríamos, dias e horários da semana. No dia seguinte, imprimi e entreguei para diretora da escola, foi um fracasso. Ela não aceitou a possibilidade de ter um grupo de teatro liderado por um aluno. A diretora disse que não queria bagunça, que teatro atrapalhava muito as demais funcionárias da escola. Foi preciso a ajuda da coordenadora pedagógica, a Dona Inês, que sempre foi amante do teatro, me incentivou e se responsabilizou para que saísse do papel o projeto de continuar com o grupo de teatro que se encontrava semanalmente na escola. Como eu estava fazendo teatro em outros espaços, tudo o que estava aprendendo nesses lugares, eu replicava para as pessoas participantes da *Cia. Teatral Duas Caras*. Nome no qual batizei o grupo, era um grupo de dez/quinze estudantes, entre o sétimo e nono ano escolares. Passei de sala em sala convidando as estudantes interessadas em participar das aulas de teatro ministradas por mim. Eu sinto que os demais professores depositavam muita credibilidade em existir essa atividade na grade escolar e os alunos eram bem empenhados e propositivos nas ideias em que apresentavam. Era engraçado, por um lado, um garoto de doze anos ensinando teatro para outras pessoas da mesma idade. Acredito que, de alguma forma, essa questão da idade nos aproximava de forma muito proveitosa. Exercemos juntos nossas opiniões sobre a escola, como eram nossas aulas, corpo docente e suas dificuldades em respeitar nosso espaço de encontro para os ensaios, e da descoberta do que e como fazer teatro amador. Nos víamos como um grupo de estudantes resistindo para poder fazer teatro e expressar nossas subjetividades.

Os meus doze anos foram uma etapa muito importante para me compreender como uma agente ativo, que constrói coletivamente um espaço de práticas artísticas e se torna uma liderança juvenil. A nossa primeira montagem foi em homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga. Fiz uma livre adaptação a partir da história do rei do baião e apresentamos no fim do ano letivo para todos os estudantes. Esse processo foi bem desafiador desde a criação da dramaturgia até a apresentação para toda escola. Lembro que como diretor eu gostaria de um cenário real e na

dramaturgia existiam duas espacialidades muito evidentes, a da casa do personagem principal e um bar que era o local dos encontros para dançar forró. Durante esse processo, saindo da escola e caminhando para casa de um amigo, vi um sofá e um fogão velho jogado na rua, não pensei duas vezes, tive a “brilhante” ideia de levá-los para escola para fazer parte do cenário. Conseguimos um carrinho de mão e a cena da gente carregando na rua esses objetos até hoje é muito viva em minha memória. Havia um pequeno depósito de objetos na escola e foi lá que começamos a deixar nosso cenário. Eu fui mais além, queria que o cenário de fato parecesse com a realidade. Levei panelas, pratos, talheres e até um líquido branco que fiz com farinha de trigo para parecer leite de vaca, porque existia um personagem que vendia leite de porta em porta. Quando essa história de acumular um monte objetos do cenário da peça no depósito da escola chegou ao ouvido da diretora, ela ficou muito brava e nos obrigou a jogar tudo fora. Felizmente já estava na semana de apresentar a peça e consegui negociar mais um tempo para que o cenário continuasse guardado na escola. Fizemos duas sessões da peça que se intitulava *Asa Branca*. Conseguimos uma sanfona de oito baixos e eu pude representar o espírito de Luiz Gonzaga correndo pela escola, junto da sanfona, ao final da peça. Foi a primeira peça teatral em que ocupei o lugar de artista criador, tomando a frente da dramaturgia, preparação de elenco e direção da peça teatral. No ano seguinte assinei a direção e também participei como ator da montagem da obra *Os Saltimbancos* (1977) de Chico Buarque. Apresentamos no festival estudantil da cidade e recebi meu segundo prêmio de melhor ator por representar o personagem “o Jumento” e a cena ganhou honra ao mérito da Secretaria de Educação. Todas essas conquistas foram muito importantes também para a escola. A mesma não participou por muitos anos dos festivais estudantis de teatro que eram realizados, pois faltava um grupo de teatro ou professor interessado em fazer uma montagem para ser apresentada e concorrer no festival junto com as demais escolas públicas do município.

Ao refletir sobre minha história até aqui, de um garoto negro, periférico, estudante de escola pública, liderando um grupo de teatro juvenil, estudante de música e teatro, e ator de cinco grupos teatrais. Esse histórico não é comum para crianças negras em nosso país. Me faz pensar em tantos talentos que estão sendo negligenciados e descartados por falta da oferta de oportunidades para pessoas da mesma origem que a minha. Minha mãe me projetou e deu todo o suporte possível para me tornar um agente ativo e que em todos os lugares que ocupava, junto da ferramenta teatro, me foi possível reverter e impactar diretamente outras vidas de jovens negros.

Apresentei caminhos em que eu estava também descobrindo, e tudo que me ofereciam eu multiplicava, compartilhava, infestava, difundia entre minhas companheiras de grupo. Foi a partir dessa experiência que hoje consigo compreender a importância de cultivarmos as potências negras que estão à nossa volta. Uma vez que a cultivemos, nunca deixaremos esse sopro de vida morrer e cair no esquecimento. Vi muitos dos meus colegas de grupo dando continuidade, após a formação escolar, em cursos de formação em artes cênicas e isso constata a importância da minha passagem e da experiência com o teatro na vida dessas pessoas.

1.2 - ENSINO MÉDIO

A *Cia. Teatral Duas Caras* me acompanhou até o final do meu primeiro ano do ensino médio, na Escola Estadual Martim Afonso. Uma escola pública que ficava no centro de São Vicente, muito próxima da praia e nessa escola tínhamos o cruzamento de jovens estudantes das áreas periféricas da cidade com os jovens estudantes dos bairros nobres e próximos da praia da cidade. Lembro que no ensino médio, na minha primeira aula, a coordenadora pedagógica passou em cada sala dando boas vindas aos estudantes e disse que as nossas ideias eram bem vindas para a gestão escolar. No mesmo momento dirigi minha palavra a ela dizendo que tinha um projeto de criar um grupo de teatro na escola e que no dia seguinte iria levar por escrito para ela. Dito e feito, com as experiências que vivenciei no ensino fundamental em relação a criar um grupo de teatro, eu estava mais preparado para negociar a possibilidade de um estudante estar responsável em tocar para frente um grupo de teatro na escola. Nessa mesma escola tinha um anfiteatro, com palco e muito espaço para colocar cadeiras e formar uma plateia, mas o mesmo estava abandonado, poucos professores saíam da sala de aula para propor uma aula nesse espaço. Em cima do palco havia muitos móveis quebrados e arquivos mortos da escola e também de outras escolas do município. A diretoria de ensino utilizava o anfiteatro como um depósito de coisas que não eram mais necessárias e que não sabiam para onde destinar. Observando tudo isso, me coloquei à frente em cuidar do anfiteatro caso a criação do grupo de teatro com as estudantes do primeiro ano do ensino médio fosse aceita. O corpo docente viu com bons olhos e aprovou os nossos encontros semanais. Na mesma época estava para acontecer a eleição da nova diretoria do grêmio estudantil, me uni com outros estudantes e formamos uma chapa, na qual ocupava o cargo de diretor de cultura. Vinculei a criação do grupo de teatro como proposta da chapa e conseguimos nos eleger. Em todas essas histórias que estou contando sobre minha trajetória na

arte, eu me deparo que sempre tive que barganhar com os docentes das escolas para poder montar os grupos de teatro e assim criar uma atividade extracurricular no ambiente formativo. Nem sempre as respostas dos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas vieram de forma pacífica e simpática. Nesse momento fui compreendendo e pondo em prática as ferramentas da negociação, permuta e no geral, de como fazer a política da boa vizinhança. Em nosso grupo havia quase vinte estudantes participantes. Nos encontrávamos nos contraturnos das aulas, no período da manhã, no anfiteatro da escola. Na época, tive contato com a linguagem do palhaço, e como nosso primeiro experimento cênico, resolvi fazer uma montagem de uma esquete teatral intitulada *Intervenção clownesca*. Apresentamos nos intervalos das aulas, momento em que todos da escola poderiam se dar conta de que existia um grupo de teatro ativo produzindo arte. Após essas apresentações, fiquei com o desejo de explorar o espaço da rua com alguns estudantes trajados de palhaço. Como a escola era localizada no centro da cidade de São Vicente, foi mais tranquilo para que essa nossa saída fosse possível. No ponto de vista da burocracia da escola e da responsabilidade da segurança dos alunos, seria muito complicado a autorização da nossa saída para uma atividade externa. Resolvi conversar com os participantes que tinham maior vínculo comigo e que sabia que os pais eram tranquilos quanto estarem na rua. Como todos já iam sozinhos para escola, pensava que não seria um grande problema porque já que eram responsáveis por si de alguma maneira. Na rua, todos de nariz de palhaço. Foi bonito ver o contraste que criamos no espaço, do olhar de estranheza de muitos, da aproximação e interação de outros, num dia comum da semana, em que todos estavam pagando conta, indo para o trabalho ou já trabalhando. Fizemos alguns jogos entre os palhaços também. A corrida em câmera lenta, máquina humana e criar relação com objetos inanimados. Essa experiência de estar na rua, fazendo teatro e interagindo diretamente com o público foi importante para mim enquanto um mediador pedagógico, vamos dizer assim. Eu já estava trabalhando e criando ferramentas de como contaminar e ser contaminado com os diversos ensinamentos que a prática do teatro nos dá. Gosto de pensar que meu estudo prático de se tornar e entender a figura do professor se iniciou na escola. Construí os grupos de teatro, lidei com estudantes que estavam no mesmo pé de igualdade que eu, estudei e instantaneamente partilhei o que tinha apreendido e avaliei meu desempenho enquanto orientador a partir dos resultados cênicos que concebemos e apresentamos.

Em 2015, na mesma época do ensino médio, tive contato com o movimento estudantil, com estudantes da *União Municipal dos Estudantes (UMES)*, *União Paulista de Estudantes*

(UPES) e *União Brasileira de Estudantes* (UBES). O presidente, naquele ano da UMES de São Vicente, viu meu envolvimento com o grêmio estudantil da minha escola e resolveu me convidar para concorrer como presidente na chapa de eleição da nova diretoria da UMES. No momento eu hesitei e tive muito medo de estar a frente de um movimento representativo dos estudantes, mas refleti na importância de como a política e arte deveriam caminhar juntas de forma mais tangível. A possibilidade de ter um estudante-artista nesse cargo de representatividade foi o estopim para que eu aceitasse o desafio. Meu desejo era de integrar nas pautas da UMES o teatro e ter, a partir disso, uma interlocução ativa com os estudantes-artistas das demais escolas. O plano era perfeito, articulamos a chapa e vencemos a eleição automaticamente porque não existiam outras chapas concorrentes. Nossa chapa era constituída por estudantes de duas escolas estaduais e muitos deles tinham vínculo com o teatro, dança e música. Na época, o governador estadual de São Paulo era Geraldo Alckmin (2014-2018) e estava tramitando a aplicação de um plano de reorganização escolar, que consistia em não oferecer mais vagas para as turmas iniciais dos ciclos do ensino fundamental I e II e ensino médio. A estratégia sórdida era que, se não houvesse estudantes ingressando na escola em pouco tempo não haveria estudantes matriculados. Ocasionalmente o fechamento das turmas e, conseqüentemente, dos próprios ciclos. Vale ressaltar que esse impacto seria em todo o estado de São Paulo e a maioria das escolas que sofreriam com esse plano de reorganização estavam localizadas nas periferias da cidade. Fica nítido o público-alvo que seria prejudicado: a população pobre, em sua maioria preta, mães solas, pessoas desempregadas e em situação de vulnerabilidade social. Enquanto integrante da UMES, organizamos nossa primeira mobilização estudantil para o não fechamento das escolas. Essas mobilizações estavam acontecendo em diversas cidades do estado de São Paulo e na cidade de São Vicente, especificamente, tinham algumas escolas que estavam incluídas nesse plano de fechamento dos ciclos do ensino. O movimento estudantil me ensinou na prática a importância de sermos bons articuladores e estava na minha mão a responsabilidade de organizar uma passeata no centro da cidade, com carro de som, circulação das pessoas na via pública, de estruturar a rota que faríamos, de contatar a imprensa local, polícia militar e guarda de trânsito. O ato ocorreu e o final do nosso trajeto se deu na Câmara Municipal de São Vicente. Tive uma reunião com todos os vereadores e saí de lá com um documento, assinado por eles, apoiando o nosso ato estudantil.

Eu nunca parei de estudar e participar de grupos de teatro em minha adolescência. O período do ensino médio foi um momento muito importante para me compreender como um

artista-pesquisador-criador. Aos dezesseis anos refleti muito sobre criar uma obra teatral inédita, a partir das minhas perspectivas e experiências coletivas de ser uma pessoa negra no Brasil. Em 2016 estava cursando teatro na *Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo*, em Santos. Foi um período muito intenso nos estudos sobre o teatro, de segunda a sexta, tinha aulas de história do teatro, interpretação, expressão corporal e vocal. Minha turma somava umas vinte pessoas e, ao passar de alguns meses, apresentei a proposta de desenvolver uma dramaturgia e apresentá-la em um festival de cenas curtas da cidade. Dez atores toparam participar do então batizado e muito breve *Coletivo Mosaico*. Meu desejo, como dramaturgo, era de retratar o período histórico da escravidão no Brasil, trazendo aos palcos o mito dos Orixás iorubanos e elementos, como os instrumentos utilizados nas religiões de matrizes africanas, como o Candomblé de nação Ketu. Realizamos a primeira e única apresentação da obra *Axé Aiê*, na edição de 2016 do *FESCETE - Festival de Cenas Curtas*, no Teatro Municipal de Santos. Ganhamos o prêmio do voto popular de melhor cena curta da categoria adulta. O prêmio foi uma confirmação de que esse caminho que estava desenhando tinha muita potência e decidi continuar, mas dessa vez com poucas pessoas, por conta da desistência de muitos integrantes do coletivo. Percebi, a partir dessa experiência, o desafio de manter ativo um grupo teatral com muitas pessoas e me veio a vontade, que tanto temia, de criar um monólogo teatral, assinando a dramaturgia e estando em cena sozinho.

A partir desse momento minha percepção de ser uma pessoa negra, dos impactos e violência sistêmicas e estruturais que me afetaram foram ficando mais evidentes. Nesse momento da minha carreira instituí o desejo de buscar outras epistemologias que não me foram apresentadas nos estudos sobre o teatro. Necessitava que minhas criações partissem do meu olhar, da minha perspectiva negra e sócio-histórica brasileira. Minha busca por novos ares criativos foi debruçada nas músicas de *Os Tincoãs* (1960), uma banda de música popular baiana. Foi a porta de entrada para poder buscar minha poética e minha forma de escrita para o teatro. Nessa busca do empretecimento das minhas ações como artista-criador, o nome *PRETUME* foi nomeado como título da dramaturgia. Parti da busca filosófica do surgimento da vida como algo que brota no solo e esse solo é constituído por profundezas misteriosas, mas que a partir da curiosidade, iniciamos o movimento de compreender o sentido das coisas.

A palavra *PRETUME* me faz lembrar do conto mitológico iorubano sobre a criação do ser humano: Oxalá foi encarregado pela criação do seres humanos para habitarem na terra e teve a

partir daí uma busca incansável da matéria-prima que serviria para dar a vida a nós, seres humanos. Sua primeira tentativa foi criar o ser humano a partir dos ventos, mas ficou difícil de moldar seu corpo. A segunda tentativa foi criar o ser humano a partir da palha, outra tentativa fracassada. E foi assim durante muito tempo que Oxalá realizou diversas tentativas para criar a humanidade. Quase desistindo da sua missão importantíssima, Nanã, responsável pelos mangues e pântanos decidiu ajudar Oxalá com o elemento da lama - o barro, na qual era responsável. Oxalá conseguiu então moldar o projeto de ser humano e com o seu sopro divino criou a vida, quem somos hoje. Nanã vendo aquele feito não deixou de graça, disse para Oxalá: “Quem nasce da minha lama, em sua morte, retorna para ela”. Essa mitologia me faz pensar no sentido primordial da vida, e a obra *PRETUME*, que nasce a partir dessas referências de recontar o mundo por uma epistemologia outra. Quebrei com a lógica do sistema da branquitude e da sua hegemonia em todos os aspectos da ciência do conhecimento e me lancei nesse desafio, como artista-pesquisador, de recontar uma parte da nossa história brasileira, em confluência entre o passado e nossa contemporaneidade. A obra explora o espaço cênico num espaço-tempo permeando-se pelas grandes navegações e no período da escravidão no Brasil, a ótica do negro sob a sociedade e nas referências sonoras e corporais das matrizes africanas iorubanas (Candomblé Ketu). Busca-se uma confluência poética entre o que veio pelo mar, com o que há na terra e nasce assim a narrativa existencial e poética do espetáculo teatral. Até o momento, 2023, é um projeto ativo e que já conta com mais de vinte apresentações.

Conto todos esses percursos artísticos, que vivenciei, para compreensão de como inicio meu mergulho teórico-prático em produção e gestão cultural no anseio de me tornar um artista criador. Percebi que estava realizando apenas uma etapa da produção teatral - a criação artística. A produção como um todo envolve diversas etapas, ferramentas, recursos, metodologias, legislações etc. Apenas exercendo meu papel como artista ainda estava muito distante da minha compreensão como executar e trabalhar nessas duas esferas do criar e gerir simultaneamente. Minha primeira formação em produção cultural foi no ano de 2016, ao mesmo tempo em que estava empenhado como artista em desenvolver criativamente a obra *PRETUME*. Foi um momento muito importante para iniciar os estudos em como autogerir uma produção teatral.

1.3 - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Recordo-me de contar os dias para o ensino médio acabar e nesses incontáveis dias ia me questionando sobre meu futuro. Estava prestes a completar dezoito anos e precisava desenhar um rumo para minha vida. No terceiro ano do ensino médio comecei a participar dos vestibulares universitários da minha cidade e nenhum deles me dava a oportunidade de continuar os estudos do teatro no ensino superior. O curso em que tive afinidade foi de publicidade e propaganda, que não tive muito sucesso nos gabaritos das provas. Com o *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM) feito e com a nota em mãos, compreendi sozinho e tateando o *Sistema de Seleção Unificada* (SISU) que me possibilitaria ingressar em uma universidade federal. No SISU era possível selecionar a graduação de Teatro e nessa pesquisa encontrei a Universidade Federal de Uberlândia, que se tornou minha prioridade na escolha do meu futuro no ensino superior. Nunca tinha ouvido falar sobre a cidade de Uberlândia - MG, não conhecia ninguém que morava e muito menos que existia uma universidade com um curso de teatro muito bem estruturado. Foi um mergulho no desconhecido e um novo desafio que estava disponível para trilhar.

Iniciando meu processo, como discente cotista e de escola pública, na UFU procurei compreender sobre as bolsas de permanência para moradia e alimentação. Não tinha condições financeiras para me bancar ou da minha mãe me sustentar financeiramente em toda minha graduação. O processo foi lento e confuso, tive que juntar diversas documentações da minha família para comprovar que estava apto para ser bolsista. Foram três meses estudando sem bolsa de permanência e nesse período vendi cupcakes e pão de mel na saída do Restaurante Universitário e trabalhei como *freelancer* em restaurantes da cidade. Nesse mesmo tempo conheci o programa de bolsas de extensão, me candidatei e fui aprovado para vaga de estagiário no *Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros* (NEAB). O núcleo tem como foco a pesquisa na área dos estudos afro-brasileiros e das ações afirmativas em favor das populações afro-descendentes. Foi um passo muito importante na minha vida porque pude conhecer diversas autoras que falavam sobre negritude, raça, gênero e educação. Organizei e participei de diversas rodas de conversa e seminários com o mesmo tema. Produzi a exibição na universidade do *Cine Spike Lee*, o evento *Jovens produtores culturais de artes negras*, junto da artista e produtora cultural Maya Estrela e acompanhei o projeto *Afrocientistas*, em que selecionamos estudantes negros do ensino básico para estarem na UFU desenvolvendo projetos de pesquisa individuais sobre influenciadores,

artistas e pensadores negros.

Eu pude praticar e me aperfeiçoar, durante os dois anos de bolsa, nas funções de produtor de eventos e mediação pedagógica. Percebo que todas essas ações foram importantíssimas para o meu exercício de ser artista-professor. Na mesma época fui convidado pela Prof^a Dra. Cintia Camargo Vianna, do Instituto de Letras da UFU, para participar do *Grupo de Estudos e Pesquisa em Poéticas Afrolatinoamericanas e Educação para as Relações Étnico Raciais* (GEPLAFRO). Sempre fiquei atento nos editais de extensão e cultura da universidade e descobri que existia um centro que preservava a memória e cultura negra chamado Graça do Aché e o mesmo estava com um edital de ocupação com atividades voltadas para comunidade negra. Fiquei inquieto, pensando nas diversas possibilidades que poderia propor e executar junto a esse financiamento. Já estava submerso no mundo da organização de eventos, nas leituras de autoras negras e conhecendo artistas negres universitários e percebendo diversas ausências de espaços para produzir pensamento, encontros artísticos e capacitação para o mercado de trabalho cultural. Entre muitas conversas com a professora Cintia e Maya, expressei o desejo de criar um espaço para formação de pessoas pretas no âmbito da produção e gestão cultural, compreendendo que não existia nenhuma iniciativa nesse ramo feita por e para pessoas pretas. A ideia foi se estruturando e foi necessário a minha participação em alguns cursos de gestão cultural⁴ para poder ter melhores embasamentos e desenvolver a metodologia que iria me acompanhar para o nascimento do projeto *Incubadora Preta: formação cultural para agentes negres*. Fruto de uma bolsa de extensão universitária⁵ e com o objetivo inicial de gerar um mercado cultural afrocentrado, representativo e igualitário na promoção de oportunidades para pessoas negras.

⁴ Oficina de Produção e Gestão Cultural (Oficinas Culturais do Estado de São Paulo, 2016); Minicurso EAD em Articulação, Mediação e Comunicação Cultural (Itaú Cultural, 2019) e Curso de Extensão Projetos: elaboração e gestão (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2020)

⁵ Concedida pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), da Universidade Federal de Uberlândia.

CAPÍTULO 2 - AFROCENTRICIDADE, MARGINALIDADES E AGENCIAMENTO NEGRO

A perspectiva afrocentrada é uma abordagem histórica, cultural e política que enfatiza a importância e o papel central dos povos africanos e suas diásporas na história da humanidade. Compreende os africanos como agentes de mudanças e transformações na sua própria história, ideais e cultura. Se opõe a visão eurocêntrica contribuindo com novas perspectivas e afirmando outras possibilidades de se fazer ciência e partilhar o conhecimento humano. Molefi Asante (2016) afirma que os “afrocentristas rejeitaram a noção de alteridade que privilegia a cosmovisão europeia como normativa e universal”. Tal prática afrocentrista conflita diretamente com as estruturas hegemônicas eurocêntricas e suas epistemologias opressivas mantidas até os tempos atuais.

Pensando na tentativa prática do conceito afrocêntrico no Brasil, em 1944, Abdias do Nascimento funda, dirige e atua no *Teatro Experimental do Negro* (TEN). Sua criação parte das diversas críticas de Abdias em relação do racismo para os atores negros. Os mesmos não podiam representar papéis principais, mesmo esses papéis sendo personagens negros. Além da formação da companhia e suas produções artísticas, Abdias funda e dirige o jornal *Quilombo* e o *Museu de Arte Negra*, fortalecendo a estética e a identidade afro-brasileira. O TEN é um acontecimento muito importante para compreendermos, do ponto de vista racial, a quebra dos paradigmas impostos e iniciados durante o período de colonização do nosso país. Esse imaginário racista ainda está incrustado nas nossas práticas. A iniciativa foi importante por trazer um novo olhar para nossas produções artísticas, letramento e conquistas políticas, como a criação do *Sindicato das Trabalhadoras Domésticas*. Contudo, é necessário ressaltar que Molefi Asante (2016) afirma que a afrocentricidade é uma “ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista”. No decorrer histórico do TEN, existiram muitos silenciamentos e apagamentos das mulheres participantes nos espaços de discussão, criação e autoria. Inclusive, durante minha graduação, na disciplina de *Teatro Brasileiro II*, eu e Maya Estrela desenvolvemos um trabalho que percorria sobre o histórico do TEN e constatamos que com a urgência na discussão racial, as relações de gênero não eram discutidas de maneira pungente. Os personagens femininos não tinham tanta influência quanto os masculinos e existem poucos registros e pesquisas sobre essa temática.

As mulheres participavam ativamente das discussões e trabalhavam incessantemente pela causa anti-racista, mas por algum motivo suas vozes não ecoaram, isso é atestado pela pouca produção existente à respeito do legado feminino no TEN, em detrimento da história do fundador do grupo Abdias do Nascimento, por exemplo, que possui uma certa visibilidade nas pesquisas, enquanto as mulheres do TEN se encontram de forma espaçadas e incipientes nas produções acadêmicas. (DOS SANTOS, 2020, p. 12).

Na graduação, também pude participar da Residência Pedagógica⁶. Em nosso plano de atividade, estava a leitura do livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, da autora bell hooks (2017). Com ela pude compreender que gênero, raça e classe estão intrínsecos na forma em que somos percebidos pelo mundo, em nossa construção do pensamento e nas ações que promovemos enquanto professores, diretores de teatro e produtores culturais. Compreendi a importância de incluirmos em nossas agendas as discussões sobre os grupos marginalizados e invisibilizados, como as pessoas negras, mulheres, pessoas trans, mães solas e pessoas LGBTQIAPN+⁷, para o enfrentamento dos diversos tipos de violências estruturais que possamos reproduzir e fazer manutenção. Penso que esse cuidado precisa se tornar integrante de todas as mobilizações que faremos enquanto cidadãos, professores e artistas.

O agenciamento negro é o termo utilizado para descrever o processo de resistência, as ações políticas, ocupação dos espaços de autoria, discurso e difusão de novas epistemologias na perspectiva afrocentrada, para além da representatividade. É uma forma de ação política e social que busca garantir a equidade e a justiça para as pessoas negras, combatendo o racismo, o apagamento social e a necropolítica (MBEMBE, 2018). Em efetivo, inclui ações coletivas, como protestos, formações, expressões artísticas, movimentos sócio-culturais, bem como ações individuais e a valorização da cultura e da história afro-brasileira.

Na construção do conceito primário da *Incubadora Preta*, bell hooks e Maya Estrela foram duas pensadoras com as quais eu pude tecer reflexões em como instituir um espaço assertivo no que se refere à intersecção de gênero, raça e classe. Eu não posso desconsiderar a importância do histórico político e artístico do TEN. Compreendo que foram as primeiras iniciativas transgressoras ao *status quo*, esses movimentos se tornaram muito potentes como referências na construção de novas iniciativas antirracistas, em que promovem o agenciamento negro. Mas não posso deixar de observar as ausências sobre as intersecções que bell hooks reflete

⁶ É um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis, queer, intersexuais, assexuais, entre outros

posteriormente.

A *Incubadora Preta* é concebida a partir dos conceitos de afrocentricidade, agenciamento negro e intersecção de gênero, raça e classe. Com objetivo da formação em produção e gestão cultural de agentes negres de todo o território brasileiro. É importante ressaltar que a estrutura hegemônica e racista fortaleceu o estigma de ausência para as pessoas negras, pobres e periféricas. Se cria a imagética de um território marginal em que não há produção de conhecimento, letramento, expressões culturais e mobilizações artísticas de coletivos independentes. Em verdade, trata-se da negação de outras epistemologias que tensionam o poder da autoria, criando um choque anti-colonial nas estruturas vigentes.

Com isso, temos o fortalecimento das noções de ausência, carência e homogeneidade como elementos de percepções reducionistas e de classificações hierárquicas das periferias em relação aos demais espaços da cidade. Toma-se como significativo aquilo que a periferia não é em comparação a um modelo idealizado de cidade, baseado em padrões culturais e educativos colonizadores construídos, em geral, pelas parcelas mais enriquecidas da população. Nessa compreensão, as periferias são concebidas como espaços precarizados, com sujeitos/populações que têm a sua historicidade negada, seus territórios não reconhecidos como legítimos e seus moradores e moradoras, não raramente, tratados de forma exotizada (a não civilização, por excelência). (IMJA, 2018, p. 1).

É importante não perpetuar esses estigmas que marginalizam os conhecimentos e ações culturais das pessoas negras, pobres e periféricas em nosso país. Compreendo que é importante a realocação dos agentes culturais negres, da margem para o centro das suas produções, com políticas públicas de financiamento e formação. Partindo de uma ação coletiva com intuito de fortalecer o agenciamento negro, a *Incubadora Preta* surge como um grande desafio na minha vida e no meu processo enquanto artista-docente.

2.1 - EXU: FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO, PRODUÇÃO E GERAÇÃO DE ARTE

Exu é a ponte, o caminho entre o agora e o depois. O mensageiro, o dono da porta da rua. O que come e partilha o fruto. Falar de Exu é falar sobre o princípio gerador da vida-arte, da interlocução entre pessoas e saberes. Nas tradições afro-brasileiras de religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, a figura arquetípica do orixá Exu está associada ao deus da comunicação e da mensagem divina, que é responsável por ajudar a estabelecer as

conexões entre os seres humanos e as divindades. Esse papel de intermediário e conector tem reflexos expressivos na produção de arte e cultura, pois permite a geração de novas formas de expressão e espaços para diálogos e trocas de informações, experiências e conhecimentos entre as diferentes comunidades e grupos sociais. Estimulando a criatividade e a inovação na produção cultural.

A mitologia e filosofia de Exu, da qual me contamina, parte dos mitos africanos iorubanos, especificamente da cidade de Abeokuta, na Nigéria. No Brasil, as pessoas negras são maioria em cultivar o saber de Exu. Ao longo do nosso percurso histórico existe a mobilização em tornar o arquétipo de Exu vivo em nossa prática cotidiana em liturgias e rituais. Também na construção de um saber partilhado por muitas pensadoras, nos mais diversos campos da produção de conhecimento, seja científico ou artístico. Sua filosofia se torna, em minha vida, uma nova perspectiva para a compreensão das nossas ações políticas, artísticas e pedagógicas. Em contraste ao pensamento colonial, a secular estrutura racista e o afronte contra o sistema de privilégios provindos da branquitude.

Até meus dez anos, o ideal cristão foi a única forma que me foi apresentada de olhar para o mundo, refletir e performar a vida. A religião evangélica negligenciou toda e qualquer outra forma de explicar os fenômenos da natureza, os meus problemas sociais e dos diversos arquétipos que deveria adotar em minha vida para ser uma pessoa do bem, temente a Deus, almejando o famigerado reino dos céus. Maya Estrela, conversando comigo, durante a escrita desse trabalho, me elucubrou:

Se as filosofias e os pensamentos são coloniais e cristãos, você tem a filosofia de Exu em sua vida, que transversaliza sua sexualidade, seu trabalho e toda sua existência. Compreendendo as comunicações, a rua e a arte como forma de se expressar no mundo a partir da filosofia de Exu, que não é nada dicotômica, que não tem a ver com bom ou ruim, céu ou inferno. É muito cheia de caminhos, encruzilhadas, ruas, curvas e tudo mais... Você quebra com o agenciamento de quem está no centro, porque dentro da sua cabeça, que é o seu princípio, tudo isso se destrói. Você fracassou em ser uma pessoa cristã, fracassou em ter uma perspectiva eurocêntrica e logo você cultua uma epistemologia que até então estava na margem e você a coloca no centro da sua vida, tornando-a uma perspectiva afrocêntrica por meio da poética de Exu. (ESTRELA, 2023).

Exu é o responsável pela a encruzilhada e seu trânsito, transgredindo em relação às dicotomias impostas pelo o sistema hegemônico branco, por compreender o não binarismo das possibilidades poéticas da expressão humana na arte e cultura. Quando penso e invoco Exu, como suliador das minhas práticas artísticas e pedagógicas, estou quebrando o pensamento

monocultural eurocêntrico que foi imposto durante toda minha trajetória acadêmica. Eu não compactuo com a ideia de eleger um pensamento soberano aos demais. Me permito estar no entre. Entre os fluxos contínuos dos encontros, entre as pessoas que me atravessam e me constituem enquanto pessoa-artista-professor.

É através da compreensão desse sistema de pensamento que podemos reconhecer os efeitos de suas práticas violentas. Nessas monoculturas um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres, operando através de uma lógica parasitária. Nela, humano seria a negação do animal, civilizado a negação do selvagem, além de não haver concomitâncias: nunca azul e rosa, masculino e feminino, humano e animal ao mesmo tempo. (NÚÑEZ, 2021, p.2).

Se Exu é o dono da porta da rua, é nela que peço licença para entrar. Se é o que come e partilha o fruto, eu também vou querer um pedaço. É o provocador da desordem, do refazer, do repensar o estar no mundo, da inquietude em relação ao acabado e ao conformismo. Invoco o mensageiro por perceber que a organização da vida em sociedade está de ponta cabeça, e mesmo assim tudo parece estático e normatizado. Sinto a necessidade de me movimentar a partir da incompletude, por compreender que estou no meio de um furacão de outras possibilidades epistemológicas. O que me impulsiona a criar são as emergências e meus inconformismos em relação à sociedade, sua estrutura racista e todas as violências interseccionais que atacam diariamente corpos não brancos. O encruzo de metodologias e linguagens que estão disponíveis na encruzilhada para eu construir minha prática como artista-professor é libertador. Tenho a minha escuta multidirecional e pronto para estar-sendo contaminado pelo o encontro com diversas autoras, artistas, atuantes e pensantes.

Exu, para os iorubás e em suas múltiplas faces na diáspora, fundamenta uma ética responsiva. Eleger Exu como a potência codificadora e mobilizadora de uma pedagogia da descolonização é, em suma, um ato de responsabilidade com a vida. Exu é também o primeiro a ser criado e aquele que fundamenta toda e qualquer forma de existência. Assim, compreende-se como um princípio radical que transgride as dimensões explicativas assentes no ocidente europeu, uma vez que é o elemento que versa acerca da natureza primeira dos seres. Por isso, é na emergência de um novo projeto “poético/ político/ ético” que a força cósmica Exu é eleita como a esfera principal. (RUFINO, 2019, p.17).

Como disse para mim, o poeta belorizontino Ricardo Aleixo, em um dos encontros para

se pensar arte ⁸“Precisamos exercitar nossa cosmopoli-percepção”. É preciso estar atento às diversas formas em que Exu se manifestará em meu ofício, causando a desordem para compreender que preciso ser mobilizador de novas perspectivas de geração de arte e cultura. Nada nunca estará acabado, sempre teremos outras oportunidades de nos afetarmos com novos saberes e fazeres.

⁸ Esse encontro fez parte do LAB Cultural, programa de pesquisas em arte e cultura do BDMG Cultural no qual fui residente no ano de 2021. Ricardo Aleixo era um dos tutores convidados pelo programa.

CAPÍTULO 3 - INCUBADORA PRETA

Em longas e instigantes conversas com Maya Estrela e Cintia Vianna, parimos a possibilidade de encontrar outras pessoas negras para desdobrar formas potencializadoras da autoria negra e seu protagonismo no mercado cultural, compreendendo o problema do racismo estrutural em nossa sociedade e como no âmbito da gestão e produção cultural há desdobramentos dessa violência por meio do epistemicídio, silenciamento e apagamento das pessoas negras no mercado de trabalho artístico em nosso país. A palavra “incubação” se apresentou a mim e logo fui no Google encontrar respostas. Me deparei com essa definição em uma matéria do *Hospital Materno Infantil Dr. Joaquim Sampaio*: “A incubadora é aquecida e umidificada, com pouca luminosidade e quase sem ruídos para simular o ambiente do útero materno e promover o crescimento e desenvolvimento do recém-nascido prematuro”⁹. Eu achei incrível e desafiador a possibilidade de ter um título em que projete a ideia de maternar os nossos sonhos em ações reais. Encontrei também o conceito de incubadora social, que se aproxima do que estamos propondo aqui. No site da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), define:

É um espaço comum que abriga, protege e qualifica projetos/empreendimentos sociais nascentes ou estabelecidos. As incubadoras servem para estimular a capacidade empreendedora e contribuem para o desenvolvimento sustentável da região onde estão inseridas [...] têm como finalidade potencializar a geração de tecnologias sociais por meio da inovação, do resgate da cidadania dos grupos vulneráveis através de suas inserções no meio produtivo. (UFSM, 2023).

Mas afinal, o que é a iniciativa *Incubadora Preta*? É um projeto pioneiro e gratuito de capacitação em produção cultural para pessoas autodeclaradas negras (pretas e pardas) a partir da perspectiva afrocentrada. Se baseia na realocização dos agentes negros marginalizados como agentes ativos centrais das suas produções artísticas. A *Incubadora Preta* realizou quatro ciclos de formação virtual entre os anos de 2020 e 2022, boa parte sendo realizada durante a pandemia da COVID-19.

Foi financiada nos dois primeiros ciclos pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal de Uberlândia. O terceiro ciclo pela Lei Aldir Blanc (Lei nº14.017/20), por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais e o quarto ciclo pelo

⁹ Governo do Estado da Bahia. HMIJS utiliza técnica da rede na incubadora para atendimento humanizado aos bebês prematuros. Governo do Estado da Bahia, 2023. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/2022/05/26/hmijs-utiliza-tecnica-da-rede-na-incubadora-para-atendimento-humanizado-aos-bebes-prematuros/#:~:text=A%20incubadora%20%C3%A9%20aquecida%20e,com%20suporte%20respirat%C3%B3rio%20e%20nutricional>.

Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PMIC, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo da cidade de Uberlândia (MG). Nesses percursos dialógicos formativos, consegui criar interlocuções com mais de cento e trinta pessoas dos estados de Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Sergipe e São Paulo. Percebo que a tecnologia que foi imposta para podermos manter o contato com as pessoas, de maneira remota, foi muito potente no ponto de vista do alcance de tantas agentes em diferentes territórios, narrativas e realidades de se fazer arte e cultura em nosso país.

Em qual outro formato, com pouco investimento, seria possível unir tantas pessoas de todos os estados citados? Foi mágico, percebo que enquanto mediador pedagógico do processo coloquei todas as cartas na mesa e aprendi a jogar o jogo da sala de aula no ambiente virtual. A partir da minha casa, isolado, pude compreender diferentes contextos de trabalho na área cultural. Nem todos os estados e municípios possuem financiamento assíduo para a cultura. Percebemos a missão de credibilizar, acolher as deficiências no âmbito da gestão e traçar de modo coletivo e individualizado caminhos para que os projetos engavetados pudessem criar forma, circular, ocupar seus respectivos territórios e impactar sua comunidade envolvida.

O fato da iniciativa ser voltada para pessoas negras ainda estava num território muito amplo. De quais pessoas negras estamos falando? Através da constatação do alcance maior do perfil de público que teve interesse em se inscrever para participar da *Incubadora Preta*, em sua primeira edição, o recorte, mesmo que racial, ainda estava numa escala que beneficiaria pessoas cisgêneras e sudestinas, em sua maioria homens. O número de inscrições de pessoas da região do estado de São Paulo e Minas Gerais foram disparadores em comparação às demais regiões de nosso país na primeira formação em 2020.

Era preciso compreender a interseccionalidade de raça, gênero, orientação sexual, território e constituição familiar na contemplação das pessoas participantes nos ciclos formativos. Nada adiantaria criar um novo espaço formativo em que não estivesse presente a diversidade de pessoas negras e suas subjetividades. A premissa de criar um ambiente afrocentrado foi de compreendermos que pessoas negras não são sonhadas para estarem em espaços de autoria e lideranças no âmbito do mercado de trabalho artístico e da gestão de projetos culturais. Logo a presença, em sua maioria, de mulheres (cis e trans), homens trans, travestis, pessoas trans não-binárias e mães se tornou um foco importante na seleção das pessoas que compuseram as

seguintes edições formativas. Foi criada, então, a reserva de 70% das vagas para o público citado em todas as ações que a iniciativa se propusesse a realizar. Como consequência dessa escolha, a maioria das pessoas participantes teve seu primeiro contato com a formação em gestão e produção cultural na *Incubadora Preta*.

Os cursos ofertados sobre essa área são muito caros, tornando inacessíveis para o nosso público alvo poder investir no seu aperfeiçoamento profissional. Ficou nítido que existiam muitas pessoas com dificuldades em seus trabalhos artísticos. Pois não sabiam o básico sobre escrita de projeto, leitura de editais de financiamento cultural, execução correta das ações do projeto, organização de equipe de trabalho e assim por diante. É por isso que muitos artistas negros engavetam seus sonhos e projetos, por não notar possibilidades de subsistência no mercado artístico e são obrigados a encontrar outros meios de trabalho para conseguir o retorno financeiro. É muito perverso saber que existem tantas pessoas negras aptas a produzir arte, novos modos de fazer e aprender sobre produção e gestão cultural e as mesmas estão sendo mortas socialmente por não ter a devida formação e investimento das esferas privadas e públicas na área. Referente a ideia de morte social atrelada às pessoas negras, vale ressaltar que:

Da mesma forma ocorre quando o corpo negro é aquele a quem não se imputa a possibilidade de transitar livremente pelos distintos espaços sociais. Há lugares construídos para a presença do negro, assim como há ambientes construídos para a presença do branco. Geralmente, a formulação desses espaços obedece a uma lógica de desenvolvimento, acesso, infraestrutura, relações de poder, então favoráveis a um e desfavoráveis ao outro. Assim, a partir da perspectiva racial, o Estado passaria não somente a selecionar quem pode viver e quem pode morrer, como também viria a atuar diretamente no exercício de “fazer viver e deixar morrer”, indicando quem ou quais grupos devem ser exterminados, onde toda e qualquer ação estatal em direção ao colonizado se traduziria em políticas de morte. (MARTINS, 2020, p.8).

Em relação à ausência de recursos possíveis para tornar viável e executável as propostas artísticas de cada participante, meu maior desafio como mediador pedagógico foi me lançar em um ambiente virtual com pessoas em diferentes territórios e contextos de trabalho na área artística e saber lidar com as diferentes formas de investimento à cultura em cada município e estado. Eu resido na região sudeste do Brasil e não posso homogeneizar a experiência em trabalhar com produção e gestão cultural. Com essas problemáticas estruturais, coube a mim desenvolver um curso em que as informações e ferramentas de trabalho fossem úteis e funcionais nessas diversas realidades de produzir arte em nosso país. Introduzi essas pessoas nas definições básicas sobre produção cultural. Foi um primeiro passo importante, compreendi que estávamos no mesmo ponto de partida e que os nossos estudos deveriam começar do bê-a-bá. Defini o que é

um projeto, quais são as etapas de escrita do mesmo e apresentei, para muitos que não conheciam, os editais de financiamento à cultura e como ler e interpretar os mesmos.

3.1 - PRIMEIRA EDIÇÃO

Na primeira edição formativa, de Setembro à Outubro de 2020, utilizamos a plataforma Google Classroom¹⁰, com vinte participantes, com um encontro semanal, tendo duração de dois meses de curso e nove encontros totais. Meu objetivo era que cada participante desenvolvesse seu projeto artístico, em que haveriam encontros individuais para eu poder orientar a escrita do projeto. É importante ressaltar que estávamos em período de isolamento social e muitas pessoas tiveram suas atividades profissionais e educacionais interrompidas. Nesse mesmo momento houve uma enxurrada de ofertas de cursos de diversos segmentos para que as pessoas, mesmo isoladas em casa, pudessem iniciar algum tipo de hobby, aprender um novo idioma ou até mesmo se debruçar em uma formação totalmente diferente. O curso da *Incubadora Preta* estava no meio dessas tantas possibilidades de atividades virtuais para serem feitas. Muitas das pessoas que participaram dessa edição relataram que o maior objetivo de estarem ali era para conhecer algo novo, em sua maioria artistas querendo compreender o universo da produção cultural e formas de auto produzir suas propostas artísticas.

Mesmo com tantas ofertas de curso, penso que a *Incubadora Preta* se destacou por um aspecto muito crucial. Escutei das participantes, que a formação possibilitou um espaço seguro para que pessoas pretas pudessem ocupá-lo com suas experiências, dúvidas e partilhas de vulnerabilidades no recorte do trabalho artístico em nosso país. Algumas pessoas relataram que já tinham participado de cursos sobre produção cultural, de que até desembolsaram um valor alto para estarem recebendo a formação, mas que nunca tiveram um mediador-tutor preto e o espaço era hegemonicamente ocupado por pessoas brancas. Percebo que estar em um ambiente de formação em que as pessoas partilham de experiências de vida e de trabalho semelhantes possibilita um aproveitamento dos conteúdos abordados com mais propriedade. Estamos na mesma sintonia, falando a mesma língua e que se há algum tipo de ruído entre o emissor e o receptor, existe um espaço de acolhimento respeitoso.

¹⁰ É um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos. Ele é um recurso do Google Apps redirecionado à área de educação.

Como plano de curso, as três primeiras aulas foram utilizadas para abordar conceitos introdutórios sobre a gestão de projetos culturais. Mas afinal, o que quero dizer com a palavra gestão? É justamente tudo o que engloba o campo de gerenciamento logístico de um projeto artístico. Antes de iniciar a execução de qualquer projeto, existem muitas ferramentas trabalhadas para o desenvolvimento de uma boa gestão da proposta artística. Sendo essas ferramentas: o cronograma, como meio de estipular o tempo das ações necessárias executadas pela equipe do projeto; o orçamento, no qual definirá os recursos essenciais para investir em material, serviços e recursos humanos; os objetivos estipulados, como alcance final do projeto; os critérios básicos, para formação da equipe de trabalho; análise dos possíveis riscos que as ações do projeto podem sofrer ao longo da sua execução; meios de divulgação, impacto e alcance do público-alvo definido e assim por diante. Esses dias de formação teve como objetivo focar nos aspectos minuciosos que fazem o mecanismo da produção entrar em funcionamento e também das participantes compreenderem a complexidade da gestão de um projeto cultural.

Como o objetivo era de cada participante desenvolver seu projeto artístico individual, a quarta aula ocorreu de maneira assíncrona¹¹. Cada pessoa utilizaria o tempo do encontro para iniciar o desenvolvimento dos tópicos da escrita do projeto, sendo eles: introdução, território de atuação, objetivos, detalhamento das ações, cronograma, orçamento, equipe e divulgação.

O quinto encontro foi uma aula síncrona para eu poder compreender o que foi desenvolvido e também sanar possíveis dúvidas que surgiram durante a execução da atividade passada. Percebi que a maioria das pessoas não fizeram a atividade e depois que houve a proposição dessa escrita individual, a adesão do curso começou a decair, muitas participantes desistiram de continuar o processo formativo. Já estávamos na quinta de nove aulas totais e percebi que foi uma formação muito extensa. Era um ambiente totalmente novo e logo estaria testando outras maneiras de como chegar em uma metodologia de formação online funcional. Estava tentando espelhar o que seria os encontros presenciais no ambiente virtual e entre essas duas modalidades existia um abismo. Tive que me aventurar para compreender que o tempo de tela era diferente do tempo de um encontro presencial. Então, eu não poderia mais ofertar um curso tão extenso e que exigisse muitas tarefas para as participantes.

Além disso, criei em minha agenda horários de atendimento individual para quem tivesse o interesse de aprofundar em como desengavetar suas projeções e escrevê-las em formato de

¹¹ A comunicação assíncrona é aquela que acontece sem a necessidade de uma interação em tempo real. Os encontros síncronos são os momentos de encontros em “sala de aula”, ao vivo, entre professores e suas turmas de alunos.

projeto cultural. Foi exaustivo, sinto que extrapolei o limite da sala de aula virtual e estava fazendo um outro tipo de trabalho que não era mais referente a tutoria. Estava oferecendo consultoria de projeto e tentando desenhar a carreira artística das pessoas que procuraram meu atendimento. Mesmo com tudo isso, essas mesmas pessoas não cumpriram com a escrita do projeto individual, que era um dos objetivos da formação, e não acompanharam as últimas aulas da primeira edição da *Incubadora Preta*. Questionei minha conduta enquanto mediador, sobre os conteúdos em que abordei, se os mesmos foram compreendidos e eficazes. O *feedback* das participantes foi parcial por conta da evasão da grande maioria.

Ao final da execução dos encontros, apanhei todos esses dados referentes ao tempo, assiduidade das participantes, material didático, desafios, ações positivas, deficiências da execução da primeira edição e desenvolvi um grande resumo de como foi para poder utilizar como base para desenvolver o segundo ciclo formativo da *Incubadora Preta*, que ocorreu no mês seguinte do mesmo ano de 2020.

3.2 - SEGUNDA EDIÇÃO

Na segunda edição formativa, de Novembro à Dezembro de 2020, utilizamos a plataforma Google Meet¹², com vinte participantes, um encontro semanal, duração de um mês de curso e quatro encontros totais. Estruturei as aulas da maneira em que cada encontro complementasse o anterior dando continuidade aos temas abordados, na tentativa de criar o interesse e assiduidade das participantes de estarem nos quatro encontros de formação. Na primeira edição, a parte de gestão e execução das aulas eram realizadas apenas por mim. Fiz a criação das artes de divulgação das inscrições, desenvolvimento do formulário de inscrição, curadoria das pessoas participantes, planejamento das aulas e tutoria dos encontros. Já na segunda edição, foi possível abrir uma chamada para contratação de duas bolsistas para acompanhar e dar suporte durante o período das aulas. As funções desempenhadas estavam relacionadas a comunicação com as pessoas participantes e criação das artes digitais para divulgação nas redes da *Incubadora Preta*. Ter uma equipe envolvida no ciclo formativo foi algo novo porque até então os meus estudos sobre a produção cultural estavam apenas no âmbito teórico. Pensei que conseguiria estruturar a logística de como as coisas iriam suceder, mas a função de coordenar uma equipe de trabalho foi

¹² É um serviço de comunicação por videoconferência desenvolvido pelo Google.

um grande desafio para mim. Percebo que como todas as demandas do primeiro ciclo formativo estavam empregadas a mim, eu criava uma forma própria de realizá-las, no meu tempo e recursos que tinha disponíveis. Já em uma equipe com três pessoas, as necessidades deveriam ser encaixadas a partir da disponibilidade, habilidades técnicas e recursos disponíveis de cada uma. Eu prezei por encontros virtuais semanais para a criação de algum tipo de vínculo em que pudéssemos nos conhecermos e levantarmos em conjunto as demandas que deveriam ser desenvolvidas. Hoje compreendo que tem certas decisões que cabe apenas à coordenação do projeto decidir. Quando são horizontalizadas todas as demandas de um projeto, penso que criamos muitos ecos e diversos caminhos que não nos levam a lugar nenhum. É necessário ter um ponto a seguir, uma delimitação na qual posso ser livre para criar possibilidades de trabalho e tudo isso é responsabilidade da pessoa que está gerenciando a proposta cultural.

Como os dois primeiros ciclos formativos foram seguidos um do outro, tive pouco tempo para estruturar um novo plano de curso. O que levei em consideração, a partir da primeira experiência, é que deveria ter menos encontros para tentar dinamizar a formação. Tornar menos cansativo a presença das participantes na tela. Também aboli a proposta das pessoas desenvolverem atividades assíncronas. Compreendi que a proposta não foi eficaz em relação ao desenvolvimento dos projetos individuais. Estruturei os dois primeiros encontros para introduzir sobre o que é projeto, como iniciá-lo, executá-lo e finalizá-lo.

No terceiro encontro experimentei em estruturá-lo de forma teórica e prática. Apresentei possíveis falhas na gestão de projetos, condições ideais para ter o êxito na execução da proposta cultural, os pontos positivos em se tornar um prestador de serviço microempreendedor individual (MEI) e, na segunda etapa do encontro, trouxe possibilidades em como estruturar do zero o portfólio sobre o histórico do projeto e o currículo da pessoa proponente do mesmo.

Realizei o quarto e último encontro de maneira prática. Um dos objetivos da *Incubadora Preta* é que as participantes saiam da formação compreendendo como estruturar seus projetos artísticos para inscrevê-los em editais de captação de recursos para cultura. A partir desse objetivo, lancei o desafio, no encontro virtual, de estruturar os pontos essenciais da escrita de uma proposta cultural. A proposta tinha a intenção de pensar coletivamente nas necessidades básicas para a gestão e execução daquele projeto fictício. Iniciamos decidindo em qual área cultural iríamos desenvolver a proposta artística e partir daí apresentei três grandes áreas da gestão para serem discutidas e escritas: ações necessárias a serem executadas (etapas do projeto);

organização dessas ações definindo o tempo em que seria empregado para a execução (cronograma); e o levantamento dos custos dos serviços, materiais e equipe (orçamento). Nesse último encontro, que foi realizado o exercício, pude perceber que houve uma maior integração das pessoas participantes. Consegui ter uma análise diagnóstica se realmente os conteúdos apresentados foram compreendidos. As participantes, à sua maneira, apresentaram boa apropriação das ferramentas da escrita de projetos e conseguiram dialogar em coletivo as necessidades gerenciais para o desenvolvimento de uma proposta cultural. Nesse exercício, senti que consegui realizar meu objetivo enquanto mediador pedagógico. Aproximando essas atividades síncronas nas formações da *Incubadora Preta*, percebi um impacto reforçador porque as pessoas finalizaram o processo instigadas, querendo estruturar seus projetos.

Além dessa minha análise subjetiva em relação ao impacto da formação na carreira profissional das participantes, nessa segunda edição implementamos um formulário online de avaliação do curso. Precisávamos, de forma objetiva, o retorno qualitativo e quantitativo das participantes. Seguem as perguntas e os respectivos percentuais: se foi o primeiro curso de produção e gestão cultural da pessoa (75% disseram “sim” e 25% disseram “não”); como avaliava o curso (68,8% Ótimo e 31,3% Bom), sua abordagem (81,3% Ótimo e 18,8% Bom), o material teórico apresentado (68,8% Ótimo e 31,3% Bom); se as expectativas da pessoa em relação à formação foram alcançadas (43,8% disse que “o curso superou positivamente às minhas expectativas” e 56,3% disse que “o curso atendeu às minhas expectativas”); se os conhecimentos adquiridos durante a formação iriam ser aplicados em seu trabalho profissional (todes disseram “sim”); em relação a duração do curso (56,3% disse que "o curso poderia ser mais devagar (ter maior duração, mantendo o mesmo conteúdo" e 43,8% disse que "o curso está com o tempo adequado"); se tinha o interesse em realizar outros cursos com a *Incubadora Preta* e se indicaria nossa iniciativa para outras pessoas pretas (todes disseram “sim” para as duas últimas perguntas). Deixo aqui três importantes retornos das participantes que foram imprescindíveis na estruturação das próximas edições formativas. O primeiro foi de A. Antônio, que enfatiza sobre a importância do projeto e a vontade de multiplicar os saberes em seu território:

Penso que ele podia ser mais dialógico, e com mais exercícios práticos ou estudos de caso, como a visualização de projetos de natureza distintas para que pudéssemos pensar sobre especificidades, cenários e propostas que ampliassem o repertório dos participantes, provocando discussões que também contribuíssem com o aprendizado conjunto. Outra coisa que pensei muito, foi sobre a Incubadora ser um projeto de extensão na universidade pública, me nasceu muito o desejo de fazer ou apoiar algo do tipo dentro da UNESP (SP), onde estudo. Porque formações em produção

cultural costumam ser inacessíveis em quesitos financeiros, sendo a prática no mercado totalmente competitiva e solitária. Em São Paulo, os grupos contemplados sempre são os mesmos, então ver pessoas pretas democratizando o acesso a estas técnicas foi muito simbólico pra mim. Vocês tem um projeto poderoso, me sinto muito feliz de ter participado dele e de ter sido inflamada a fazer mais coisas pela minha comunidade preta dentro da universidade e fora dela. (A. ANTÔNIO, 2020).

No segundo retorno, D. Romano ressalta a importância do aprendizado teórico sobre a prática da produção executiva:

Só tenho que agradecer o curso me abriu novos horizontes e é importante ressaltar que a prática é importante, mas ter uma base de planejamento e divisão de etapas pra realização de projetos é muito importante, falo isso por experiência própria, passei esse ano executando diversos projetos, mas esse contato teórico foi essencial para identificar os erros que dificultam a melhor execução dos meus projetos. (D. ROMANO, 2020).

No terceiro retorno, D. Barbosa (2020) mobiliza a ideia da formação ter mais momentos de exercícios práticos, para que cada participante pudesse aperfeiçoar a escrita das suas ideias em propostas culturais e “Articular formas de intensificar os momentos de exercícios práticos. Acredito que como o curso possui uma pausa de uma semana, dentro desse tempo, poderia ser proposto algum tipo de prática. Um exemplo: a criação de um projeto ficcional partindo dos conteúdos apresentados a cada semana”.

A partir desse formulário pude ter uma panorama dos caminhos que foram realizados durante o ciclo formativo, do planejamento do curso e como estava sendo recepcionado, de analisar possíveis correções aos erros e aprofundar nos acertos. Os dois primeiros ciclos tiveram pouco tempo para a concepção metodológica, quis estruturar o terceiro ciclo formativo com mais tempo e organização para o atendimento das novas agentes culturais.

3.3 - TERCEIRA EDIÇÃO

Na terceira edição formativa, em abril de 2021, utilizamos a mesma plataforma de videoconferência, aumentamos para trinta o número de participantes, com duração de um mês de curso e quatro aulas totais. Nessa edição foi possível abrir uma chamada nacional para contratação, de maneira remota, de uma profissional para realizar a função de produção executiva. Estructurei com muito cuidado as funções que a mesma desempenharia. Essas seriam a comunicação com as participantes, divulgação, escrita de releases, textos, legendas nas redes sociais do projeto, envio de e-mails e gerenciamento da plataforma de videoconferência. Tive a

chance de analisar perfis e currículos de muitas profissionais pretas engajadas no mercado cultural e encontrar a pessoa ideal para estar comigo no terceiro ciclo formativo, que no caso foi Rosy Nascimento, de Natal/RN.

Estruturei as aulas com atividades síncronas, sendo os encontros coletivos com minha mediação e apresentação teórica dos conceitos e ferramentas da gestão e produção cultural e uma atividade assíncrona, em que cada participante, a partir de quatro disparadores, iria começar o rascunho do seu projeto. Eu não optei novamente por realizar orientações individuais por compreender a quantidade de participantes e a disfuncionalidade logística para o atendimento de cada pessoa.

A partir do primeiro encontro apresentei essa atividade assíncrona e orientei que a partir das ferramentas levantadas nas aulas sobre gestão e produção executiva, elas teriam a capacidade de desenvolver a escrita dos seus projetos gradualmente. O exercício se chamava *Praticando os conceitos de gestão e produção cultural*. O primeiro disparador consistia na imaginação de um projeto fictício ou engavetado e iniciar uma lista de necessidades, dos caminhos necessários para desenvolver a proposta, com quais locais e pessoas seria possível fechar parceria e articulação, e de quais maneiras o projeto iria alcançar seu público alvo. O segundo disparador estava relacionado a problematização das desigualdades sociais e violências estruturais que vivenciamos no cotidiano brasileiro. Pedi que refletissem, dialogando com a proposta artística, direitos culturais fundamentais para redução das desigualdades, como o direito à memória, acessibilidade, representatividade e o bem viver. A terceira pergunta questionava quais seriam os territórios em que a proposta ocuparia, seus possíveis impactos para comunidade contemplada e quais os meios para executar as ações criando interlocução entre território e comunidade. O quarto disparador tinha o objetivo de desenvolver as metodologias e estratégias para engajar apoiadoras e realizadoras daquela proposta cultural, em como seria possível estabelecer parcerias entre sociedade civil e poder público, e quais ferramentas e linguagens poderiam ser experimentadas para facilitar o diálogo.

Em nosso quarto e último encontro realizamos uma rodada de apresentação. Cada participante teve o tempo de cinco minutos para apresentar de forma criativa e objetiva o seu projeto para o coletivo, para exercitar a comunicação das propostas culturais desenvolvidas. Simulamos uma conferência em ambiente empresarial. Eu e Rosy, éramos os possíveis patrocinadores dos projetos. Abordei o conceito de vídeo *pitch*, que é uma breve apresentação de

uma ideia criativa, com objetivo na busca de capital para investir na realização do projeto com seu devido impacto sócio-cultural e o bom retorno em relação a notoriedade das empresas que irão investir na proposta. Além da apresentação no encontro virtual, solicitei para cada participante gravar seu vídeo de apresentação. O mesmo foi divulgado no canal do Youtube da *Incubadora Preta*, como nascimento dessa nova iniciativa artística para o mundo.

Foi um grande desafio para as participantes o exercício de falar sobre suas propostas artísticas e o domínio dos objetivos que queriam realizar com cada projeto. Percebi que muitas delas nunca tinham feito essa prática de se comunicar descrevendo o objetivo principal da sua iniciativa. Gosto muito da frase do escritor malinês Amadou Hampâté Bâ em que diz que “Quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima”. Nessa frase está circunscrito o valor e importância incalculável da nossa oralidade e como devemos tornar prático o desenvolvimento das nossas ideias faladas e escutadas pelo o outro. Percebi que essa atividade em sala de aula virtual foi muito importante para impulsionar e tornar as ideias que estavam sendo desenvolvidas por meio das escritas. Elas se tornaram mais tangíveis e fluídas a partir da verbalização e do encontro com outros ouvintes e seus *feedbacks*.

3.4 - QUARTA EDIÇÃO

Na quarta edição, em agosto de 2022, utilizamos novamente a plataforma Google Meet e dessa vez resolvemos ir além contemplando cento e vinte e sete pessoas. Nesse novo formato com muitas pessoas, ofertamos workshops com duração de quatro horas, em um único dia. Foram ofertados quatro workshops, ministrados por mim, em sábados seguidos do mesmo mês, totalizando quatro encontros da edição, sendo que cada workshop abordou temas distintos um do outro, criando um trânsito fluido das participantes nas aulas em que o tema viria ao encontro com seu interesse de aperfeiçoamento profissional.

O primeiro workshop foi *Introdução à gestão e produção cultural*, abordando ferramentas importantes para iniciar um projeto cultural e seus principais aspectos no momento da escrita, como o desenvolvimento dos objetivos, justificativa, cronograma, ações do projeto etc. Apresentei também as ferramentas de análise de viabilidade e de risco no planejamento da proposta, o papel do produtor/gerente de projeto e leitura e interpretação de editais culturais.

O segundo workshop foi *Praticando ferramentas da gestão e elaboração de projetos culturais*, colocando em prática as ferramentas importantes no momento da elaboração do projeto, como o desenvolvimento detalhado da planilha orçamentária no Excel, as plataformas das Leis de Incentivo a Cultura no Brasil, formas de monitoramento e controle do projeto em execução, disparadores reflexivos para iniciar a escrita de uma proposta artística-cultural, treinamento para vídeo *pitch* e formas de finalizar e prestar contas.

O terceiro workshop foi *Produção executiva e suas atribuições na gestão de um projeto cultural*, voltado aos recursos humanos envolvidos na execução do projeto, a compreensão das atribuições da produção executiva, formalização e abertura do MEI (Microempreendedor Individual), formação de equipe, prestadores de serviço essenciais, solicitação de materiais (currículos, portfólios, documentos pessoais, assinaturas digitais), as vantagens de trabalhar com profissionais que sejam pessoas jurídicas, elaboração de contrato, plano de trabalho, termo de compromisso, controle integrado de mudanças, possibilidades de contrapartida e readequação de projeto.

O quarto workshop foi *Funções, etapas, finanças e ações no projeto cultural*. Propomos nessa formação compreender as formas assertivas e funcionais para que a proposta cultural, em sua execução, alcançasse o êxito. Abordando assuntos como o passo a passo das ações dos profissionais envolvidos durante as etapas do projeto em andamento, ferramentas facilitadoras para comunicação da equipe, políticas de transparência e responsabilidade de dados pessoais, análise de viabilidade financeira e de possíveis riscos, detalhamento das etapas, cronograma e planilha orçamentária, organização de portfólio, clipping, comprovações na área cultural, condutas saudáveis do gestor cultural junto à equipe de trabalho, funções que não competem à produção executiva e integração das etapas do projeto.

O experimento de ofertar a formação nesse formato foi uma solução que encontramos na época para tornar assídua a participação das pessoas na formação. Estávamos avançando na aplicação das doses da vacina contra a COVID-19, retomando o convívio social e as ações artísticas e formativas virtuais já estavam exacerbadas e com menos aderência de público. Durante as edições formativas, adotamos a possibilidade das participantes ausentes nos encontros síncronos terem o acesso a gravação do encontro. Tornando possível o aproveitamento da aula no momento em que fosse mais adequado para pessoa assistir em nosso canal do Youtube. A

tentativa era democratizar ainda mais o acesso aos conteúdos formativos oferecidos pela *Incubadora Preta*.

Nesta edição, Rosy continuou com a função de produção executiva do projeto e eu como coordenador e mediador dos encontros. Foi possível lançar nacionalmente a contratação de duas bolsistas para auxiliar na execução do projeto, sendo uma na função de assistente de produção e outra na função de assistente de comunicação. As profissionais selecionadas residiam em Brasília (DF) e São Paulo (SP). Foi um momento muito tranquilo para mim enquanto coordenador e ministrante das aulas virtuais. Agora tinha uma equipe de três profissionais muito bem capacitadas e percebi que todos os mecanismos de comunicação entre equipe, participantes, estrutura dos encontros virtuais e desenvolvimento dos materiais didáticos estavam sendo realizados com mais qualidade e tempo. Existiam pessoas qualificadas e eu podia delegar as funções e ter a confiança que elas seriam executadas de maneira correta. Isso fez toda diferença para podermos, nessa edição, ir um pouco além.

Ao final da realização dos quatro workshops temáticos, lançamos como outra atividade formativa a *Semana de Produção em Teatro*, na qual, pela primeira vez na história da *Incubadora Preta*, teríamos outras profissionais da cultura mediando e abordando sobre gestão e produção executiva. Ofertamos três encontros formativos seguidos, com duração de três horas, aberto para todas as pessoas pretas interessadas, com os seguintes workshops:

Introdução à contabilidade para projetos culturais, com Aline Antônio, de Guarulhos (SP), comentando sobre os direitos e deveres da pessoa física em relação à área contábil e fiscal. Sobre os elementos que constituem a pessoa jurídica e seus deveres e direitos contábeis, visando alinhar o proponente às exigências dos editais culturais. Formalização do MEI: direitos e deveres. Introdução às nomenclaturas base da área tributária (imposto, taxas e contribuições). Apresentação de documentação contábil para execução da prestação de contas. Introdução à elaboração de orçamentos e técnicas de cotação em compras e contratação de serviços.

Escrita e elaboração de projetos culturais, com Claudia Miranda, de Uberlândia (MG), foi um encontro expositivo e dialógico acerca das formas e abordagens da escrita e elaboração de projetos culturais, evidenciando características importantes para se entender, escrever um projeto dialogando com o edital e as maneiras assertivas de comunicar sobre sua proposta para possíveis apoiadores. A ministrante utilizou dos projetos dos próprios participantes para exemplificar e demonstrar os procedimentos de escrita.

Caminhos possíveis para uma escrita cidadã, com Rubia Bernasci, de Uberlândia (MG), que abordou sobre os meios e modos de realizar a produção teatral em diferentes contextos regionais. Com uma pauta voltada para que cada participante pudesse elaborar e desenvolver projetos culturais.

Foi incrível ter a possibilidade de outras profissionais negras estarem compartilhando suas experiências no mercado cultural brasileiro e suas respectivas formas de gerenciar e executar projetos artísticos. Percebo que nessa dinâmica de chamar outras pessoas tutoras, o projeto conseguiu cumprir com o objetivo de criar redes de interlocução de saberes e formas de trabalhar com projetos culturais. Porque além da minha experiência e forma de criar e partilhar minhas aulas, tivemos mais três possibilidades distintas de falar sobre o mesmo assunto, comprovando assim que a produção cultural não é dicotômica e que existem diversas formas, contextos e territórios para continuarmos nossos trabalhos no mercado cultural brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria o fim da *Incubadora Preta*? Depois do quarto ciclo formativo realizado em 2022, me veio esse questionamento. Pensei nos possíveis desdobramentos com o retorno do ensino presencial e como seria a vivência do encontro. Acredito que o impacto de ensinar presencialmente seja muito diferente, por estar em uma aula em que as participantes transitam e interagem pelo olhar, gesto e fala. Teria que me colocar no desafio de repensar as metodologias e plano de curso no qual adotaria nesse novo formato. Porque o tempo é outro e logo sua dinâmica formativa mudaria.

O meu maior desafio até aqui é ter legitimada a minha trajetória enquanto articulador da arte-educação, produção e proposições culturais que geram uma nova perspectiva para a vida da comunidade negra brasileira, que muitas das vezes está na margem da subordinação do trabalho e na perspectiva de ausência (IMJA, 2018) de suas potencialidades artísticas. Eu me lancei num abismo, tive medo e muitas dúvidas sobre a possibilidade de falar e formar pessoas para o mercado da produção cultural. Como eu, durante o percurso da graduação, compreendendo minha autonomia enquanto universitário e me agregando no meio acadêmico, poderia iniciar meu estágio prático em ser professor? Quando inicio esse memorial, rebuscando minha trajetória na educação como estudante, com o teatro me acompanhando desde meus onze anos, é uma tentativa de confirmar que todas essas experiências do fazer para aprender foram importantes para aceitar o desafio de estar a frente da *Incubadora Preta*.

A maior potência dessa iniciativa é o seu poder de multiplicar os saberes sobre gestão e produção cultural. Me comuniquei, nesses anos, com mais de cem pessoas durante os ciclos formativos e tenho certeza que essa semente do conhecimento se proliferou e teve impacto indireto em outras pessoas. A *Incubadora Preta* formou agentes culturais negres para o mundo e principalmente para o trabalho cidadão em comunidade. Provocando essas mesmas agentes a olhar os problemas do seu território como disparadores do desenvolvimento dos seus projetos e que essas propostas tenham o potencial gerador de novas perspectivas para o seu público-alvo. O ensino sobre a produção cultural não é dicotômico. Acredito que quando aproximo minhas experiências enquanto um jovem negro e multiartista, frente a uma turma com dezenas de pessoas negras e agentes culturais em seus territórios, percebo que essa aproximação das nossas semelhanças de vida tornou o espaço mais seguro, através da partilha das nossas vulnerabilidades

e da compreensão que estávamos juntos aprendendo um assunto novo e importante para o aperfeiçoamento do trabalho de cada pessoa.

Estar munido de epistemologias contra-hegemônicas e transgressoras, podendo ler, ouvir e conversar com artistas, autoras e pensadoras negras me trouxe um novo olhar para a educação. Porque me convenci de que era possível quebrar, em sua parcialidade, essa estrutura tão violenta e invisibilizante que é o racismo, machismo, LGBTfobia e outras violências que estão interseccionadas em nossa experiência de vida, educacional e no mercado de trabalho.

Espero que a *Incubadora Preta* seja uma de tantas outras iniciativas que desenvolvam e compartilhem conhecimentos sobre a produção cultural afrocentrada em nosso país. Que essa experiência se torne modelo para que outros agentes negres possam ser aliadas nessa longa trajetória em tornar o mercado cultural mais plural e com o máximo investimento financeiro para iniciativas protagonizadas por autoras negras.

Se você chegou até aqui, espero que esse trabalho atravesse sua vida como disparador de ações e novas tentativas de criar espaços seguros para capacitar e aperfeiçoar o trabalho de tantos artistas e produtores culturais negres de nosso país. Como já disse Maya Estrela, inúmeras vezes para mim: “A produção cultural é artesanal”, então cabe a nós desenvolvermos nossas artesanias e tecnologias de defesa contra o racismo estrutural e o sistema da branquitude.

REFERÊNCIAS

EMICIDA. **Levanta e anda**. Cidade: São Paulo. Gravadora: Public Swimming Pool por Beatnick & K-Salaam e na Loud por Felipe Vassão, 2013. Suporte (2:50)

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia**. 2016.

IMJA. Carta da Maré, Rio de Janeiro-Manifesto das periferias: As periferias e seu lugar na cidade. **Revista Periferias**, v. 1, n. 1, 2018.

DOS SANTOS, Taynara Rafaela. **Mulheres negras em cena um estudo sobre as relações de gênero no teatro experimental do negro**. 2020

NECROPOLÍTICA, Mbembe A. biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **São Paulo: n-1 edições**, 2018.

Governo do Estado da Bahia. HMIJS utiliza técnica da rede na incubadora para atendimento humanizado aos bebês prematuros. **Governo do Estado da Bahia**, 2023. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/2022/05/26/hmijs-utiliza-tecnica-da-rede-na-incubadora-para-atendimento-humanizado-aos-bebes-prematuros/#:~:text=A%20incubadora%20%C3%A9%20aquecida%20e.com%20suporte%20respirat%C3%B3rio%20e%20nutricional>.

Universidade Federal de Santa Maria. Incubadora social: perguntas frequentes. UFSM, 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/incubadora-social/perguntas-frequentes#:~:text=Uma%20incubadora%20Social%20%C3%A9%20um,da%20regi%C3%A3o%20onde%20est%C3%A3o%20inseridas>.

LOPES, Nei. **Afro-Brasil reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX**. Nova Fronteira, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **ClimaCom–Diante dos Negacionismos**, Campinas, ano, v. 8, 2021.

COSTA, Aline Pereira da; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SILVA, Heloíse da Costa. Necroeducação: reflexões sobre a morte do negro no sistema educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.

ROMANO, D. Resposta do formulário virtual de avaliação do curso da Incubadora Preta, segunda edição, 2020.

ANTÔNIO, A. Resposta do formulário virtual de avaliação do curso da Incubadora Preta, segunda edição, 2020.

ESTRELA, Maya. Entrevista com Maya Estrela para o trabalho de conclusão de curso, 2023.